

Nome: _____ Nº: _____

Turma: _____ Ano/Série: _____ Data: _____

Componente Curricular: _____ Professor(a): _____

Ensino Religioso.

Alteridade: Rosto e Razão

O rosto na expressividade que se manifesta não finda o homem dentro das relações de um e outro onde pudemos de imediato totalizar quem se apresenta a nós dentro dos termos na linguagem pré-concebida de um entendimento racional. Não há como objetivar o ser que está diante de nós, nada precede cada aparição de uma expressão.

A linguagem que juntamente com o gesto que manifesta os nossos pensamentos não comporta tudo, o rosto, este que para Levinas chama à responsabilidade com outro, este pode ultrapassar a palavra. A linguagem tal qual podemos compreendê-la só é possível *quando a palavra renuncia precisamente à função de ato e quando volta à sua essência de expressão.* [pg.180. *Totalidade e Infinito*].

Quando o rosto se apresenta ele apenas é, não é possível saber de outrem o que é dito se verdadeiro ou falso, ao exprimir em linguagem quer seja falso ou verdadeiro. A significação da palavra já supõe a autenticidade do significado, a linguagem puramente dita se refere à palavra original, pois esta se desencadeia por signos verbais.

O rosto que se apresenta chama o outro, que o acolhe à responsabilidade, a não-violência. Isso explica a situação da extrema violência que é o homicídio, ao olhar o rosto do seu assassino o chama para a responsabilidade, relatos de soldados de guerra dizem, muitos deles, que não conseguiam atirar se sua vítima o olha-se no rosto e os que ainda assim o faziam, dizem que a lembrança do olhar é torturadora.

Dentro do pensamento levinasiano, somos responsáveis. Este é o cerne do seu pensamento, se em Sartre, somos condenados a sermos livres, em Levinas somos condenados a sermos responsáveis.

A minha liberdade está submetida à relação de responsabilidade com outrem, sendo assim, para que a relação com outro coloque em mim a responsabilidade, a não-violência, é preciso libertar-me de todo o egoísmo, a contingência é o irracional, a não compreensão da responsabilidade e da relação que aí se estabelece.

O outro é um presente, não é preciso negar o outro para auto-afirmação ou vice-versa, (contrariando Hegel) o outro é um indivíduo único. A total abertura para com o outro traz a possibilidade de aprender, de saber. Eu tenho o que receber do outro, pois o meu eu sem o outro é vazio, está compreensão de ensinamento é a própria ideia de racional. O infinito que se apresenta a mim não pode ser representado dentro de uma estrutura lógica e formal de pensamento, se dá sem prévia definição, no encontro que acontece surge dessa relação à ética.

LEVINAS.E.TOTALIDADE E INFINITO. Lisboa-Portugal.Edições 70,1980

A Vida dos Outros

Montaigne: *“Justiça não, Benevolência sim”*

Considera que entre os homens e os animais há semelhanças, que mais aproximam do que distanciam e que, por conta disso, a crueldade para com eles é injustificada e é dever humano trata-los com humanidade:

“ Aos homens devemos justiça; as demais criaturas capazes de lhes sentir os efeitos, solicitude e benevolência. Aos animais não devemos justiça, mas benevolência. A crueldade é errada em si mesma. A crueldade aos animais pode levar o homem a progredir em crueldade ao próprio homem.

Descartes: *“Animal Máquina”.*

A ideia de Descartes segue em outra direção, mais tradicional, diz que os animais não tem alma e que o fato de a termos e eles não os faz algo mecânico, que está a nosso serviço e isso basta para que os usemos como queiramos, diz que os animais agem automaticamente e que tem funções mecânicas. Essa teoria é antropocêntrica e especista

Voltaire: *“Não são Máquinas”*

Voltaire ataca a teoria de Descartes, dizendo que só por ignorância alguém pode dizer que os animais são privados de conhecimento e sensibilidade. Segundo Voltaire qualquer observação aleatória refutará a ideia de que animais são máquinas.

Jean Jacques Rousseau: *“Natureza e antinatureza”*

Rousseau não é um defensor dos animais, sublinha a diferença da questão da liberdade, o animal é perfeito por natureza, o homem transcende a natureza;

Immanuel Kant: *“Dignidade humana e preço animal”*

Não temos deveres diretos com relação aos animais. Eles não possuem autoconsciência e existem meramente como meios para um fim. Esse fim é o homem.

Jeremy Bentham: *“Podem eles sofrer?”*

Com os animais acontece o mesmo que com o humano. Não importa se lhes faltam as qualidades do saber, da religião, da arte. O que importa é que, assim como qualquer dos humanos, sofrem.

Peter Singer: *“Princípio da igual consideração de interesses”*

É favor da igualdade na defesa dos interesses dos animais. Ética é uma ação justificada, racionalmente, compreensão de universalidade. Uma ação, deliberadamente egoística, ou em defesa do interesse estritamente pessoal não pode ser aceita como justificada eticamente. *Ética implica a inclusão do Outro*